

Caderno pedagógico de História

São Paulo, o Vale do Paraíba e 1932, na sala de aula

A partir do universo de "O Fantástico Laboratório"

Cinco percursos de aprendizagem baseados em projetos, ancorados na história de verdade: a Revolução Constitucionalista de 1932, a Era Vargas, Cruzeiro como Capital Nacional da Revolução, o interior paulista, o Vale do Paraíba, a ferrovia e o Brasil de 1999. Da tela para a fonte, da fonte para a memória, da memória para a cidade.

Carta ao educador de História

Colega, este caderno parte de uma cena e chega à sua cidade.

No filme, um veterano de 1932, já velho, resume a guerra que ardeu na serra numa frase que as crianças nunca esquecem: eles não se odiavam, e esse é que era o pior, só estavam em lados diferentes de uma montanha. E ele não pede vingança nem justiça. Pede só que lembrem, e contem a alguém um dia. É difícil imaginar um convite mais exato ao ofício de ensinar História. Lembrar, e contar a alguém.

A tese deste caderno é simples e exigente: a ficção é a porta, a história é a casa. O filme abre a porta com uma aventura de robô, túnel e tesouro. Mas quem entra na casa encontra fatos que aconteceram de verdade, num território que existe no mapa. Houve mesmo uma guerra civil em 1932. São Paulo pegou em armas contra o governo federal. O Vale do Paraíba e a ferrovia foram teatro de operações. O Túnel da Mantiqueira foi disputado, e ainda hoje há marcas de bala em suas paredes. Cruzeiro é, por lei federal de 2024, a Capital Nacional da Revolução de 1932. E o país de 1999, onde a história começa, atravessava a ressaca de um plano econômico que mudou a vida de milhões de famílias. Nada disso é invenção do roteiro.

O nosso trabalho, o seu e o meu, é justamente o de separar a casca da fruta. A obra é livre para o uso geral e o conteúdo histórico aqui é honesto: onde o filme inventa (um livro secreto de séculos, uma pedra que é bateria de luz, um altar dentro do túnel), o caderno avisa, e transforma o aviso numa aula de método. Distinguir o documento da lenda, a fonte do palpite, a memória do fato, é o coração da disciplina. A aventura serve à história, nunca o contrário.

Você não precisa da obra inteira para começar, nem de recursos raros. Precisa do que todo bom professor de História já tem: um mapa, uma boa pergunta e a coragem de deixar a turma investigar. O resto está aqui, do primeiro minuto ao produto final, com as fichas prontas para copiar e uma seção robusta de conteúdo para você ensinar 1932, a Era Vargas e o Brasil de 1999 com segurança, mesmo que faça anos que não abre o assunto.

Uma última palavra sobre a delicadeza de ensinar uma guerra. Aqui, guerra não é espetáculo nem torcida. O foco é a memória e a reconciliação, o mesmo pedido do veterano. Ninguém sai deste

caderno querendo que um lado tivesse matado mais do outro. Sai entendendo por que brasileiros chegaram a atirar em brasileiros, e por que vale a pena que isso não se repita.

Bem-vindo ao laboratório da História. A porta está aberta, e ela dá para a sua rua.

Como este caderno funciona

A base pedagógica

As sequências combinam quatro pilares que a escola de hoje busca, adaptados ao ensino de História:

- **Aprendizagem baseada em projetos (ABP):** um desafio real, um produto final, protagonismo do estudante.
- **Ensino por investigação e trabalho com fontes:** parte-se de uma pergunta e de documentos, não de respostas prontas. O estudante faz o que o historiador faz.
- **Educação patrimonial e história local:** o passado do país lido a partir do lugar onde a turma vive.
- **Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA):** múltiplos caminhos de entrada, para que ninguém fique de fora.

O arco de cada percurso

Toda sequência segue o mesmo movimento, para você se orientar:

1. **Sensibilização.** Um trecho da obra e uma pergunta acendem a curiosidade.
2. **Investigação.** A turma levanta hipóteses, analisa fontes, cruza versões.
3. **Produção.** Mão na massa: o produto histórico começa a existir (uma carta, uma linha do tempo, uma exposição, um jornal, um mapa).
4. **Socialização.** A turma compartilha, apresenta, expõe para um público real.
5. **Avaliação.** Por evidência (o produto e o percurso), com rubrica e autoavaliação.

Legenda dos ícones

- 🕒 tempo · 👥 agrupamento · 🎯 produto · ♿ acessibilidade (DUA) · 📄 ficha reproduzível · 💬 fala ou pergunta mediadora do professor · 👁️ fique de olho (o que observar) · 🚨 alerta de senso crítico (onde a ficção diverge da história real).

Matriz-síntese

Nº	Sequência	Componentes	Faixa	Duração	Produto final
1	1932, os dois lados da montanha	História, Língua Portuguesa	anos finais do EF e EM	6 aulas	Livro ou mural de cartas dos dois lados

Nº	Sequência	Componentes	Faixa	Duração	Produto final
2	A ferrovia que uniu e a guerra que separou	História, Geografia	6º ao 9º e EM	5 aulas	Mapa histórico comentado do Vale do Paraíba
3	Cruzeiro, Capital Nacional da Revolução	História, Língua Portuguesa, Arte	todo o EF (adaptável)	6 aulas e campo	Exposição ou guia de memória da cidade
4	1999, o ano em que o filme começa	História, Matemática (noções), Língua Portuguesa	8º, 9º e EM	5 aulas	Jornal ou podcast "Brasil de 1999"
5	Fonte, memória e lenda: como a História se faz	História (metodologia)	7º ao 9º e EM	4 a 5 aulas	Guia da turma "Detetives do passado"

Uma sexta trilha, opcional e integradora, fecha o caderno: **a linha do tempo gigante da turma**, que costura 1932, 1934, 1988 e 1999 num só painel. Todas as sequências dialogam com os **ODS 4 (Educação de qualidade)** e **16 (Paz, justiça e instituições eficazes)** e podem convergir na mostra culminante descrita no fim.

Como usar este caderno (três modos)

- **Modo cirúrgico:** escolha uma sequência e rode. Cada uma é autossuficiente.
- **Modo unidade:** rode as sequências 1, 2 e 3 em ordem para uma unidade completa sobre 1932 e o território. A 4 e a 5 encaixam em qualquer ponto.
- **Modo projeto de ano:** todas as cinco convergem na mostra "A cidade tem História", com a linha do tempo gigante como espinha.

Antes de qualquer sequência, leia a próxima seção. Ela é o seu conteúdo de segurança: o que você precisa saber para ensinar 1932, a Era Vargas e 1999 sem depender só do filme.

PARTE I: Aprofundamento de conteúdo

O que ensinar, ancorado na obra (e onde a ficção diverge da história)

Esta parte é para o professor. Ensine história de verdade. Leia antes de aplicar as sequências; extraia daqui os slides, a linha do tempo e as respostas às perguntas difíceis. Ao final de cada bloco, o selo 🇧🇷 marca exatamente onde o filme inventa, para você trabalhar o senso crítico com a turma.

1. O ponto de partida: por que 1932 importa (e por que o filme começa nele)

No prólogo da obra, em julho de 1932, um garoto chamado Severino atravessa correndo o Túnel da Mantiqueira, com um livro apertado contra o peito, enquanto a serra treme e o céu anda cheio de aviões. É ficção. Mas o cenário é real: em julho de 1932, aquela serra entre São Paulo e Minas era, de fato, uma frente de guerra. Para a turma entender por que um brasileiro corria de outro brasileiro naquele túnel, é preciso recuar um pouco.

A Revolução Constitucionalista de 1932 foi o maior conflito armado interno da história do Brasil no século XX. Durou cerca de três meses (de 9 de julho a 2 de outubro de 1932). De um lado, o estado de São Paulo, que se sublevou contra o governo federal. Do outro, as tropas leais ao governo central. Não foi uma guerra entre países: foi brasileiro contra brasileiro, dentro do mesmo país. É exatamente isso que o veterano do filme resume, e é isso que dá o peso moral à obra.

2. O contexto: a Era Vargas e a Revolução de 1930

Para entender 1932, é preciso entender o que veio dois anos antes.


A República Velha e a "política do café com leite". Da proclamação da República (1889) até 1930, o Brasil viveu a chamada Primeira República (ou República Velha). O poder nacional se alternava, na prática, entre as oligarquias de São Paulo (o café) e de Minas Gerais (o leite, o gado), num arranjo que ficou conhecido como "política do café com leite". O voto era aberto (não secreto), restrito e manipulado pelo "voto de cabresto" e pelas fraudes das comissões de verificação. As eleições eram, com frequência, decididas antes de acontecer.

A crise de 1929 e a ruptura do arranjo. A quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, derrubou o preço do café no mundo e abalou a base econômica do poder paulista. Em 1930, o presidente paulista Washington Luís rompeu o acordo tácito e indicou outro paulista, Júlio Prestes, como sucessor, em vez de um mineiro. Minas Gerais, contrariada, aliou-se ao Rio Grande do Sul e à Paraíba na Aliança Liberal, que lançou **Getúlio Vargas** à presidência.

A Revolução de 1930. Júlio Prestes venceu a eleição, mas a oposição denunciou fraude. O assassinato de João Pessoa, candidato a vice na chapa de Vargas, foi o estopim. Em outubro de

1930, um movimento armado partido do Sul e do Nordeste depôs Washington Luís antes da posse de Prestes. Uma junta militar entregou o poder a Getúlio Vargas. Começava a **Era Vargas**, que se estenderia (com formas diferentes) até 1945.

O nó que leva a 1932. Vargas assumiu como chefe de um Governo Provisório. E "provisório" queria dizer, entre outras coisas, sem Constituição: a de 1891 foi suspensa, o Congresso foi fechado, e Vargas passou a governar por decretos. Além disso, nomeou "interventores" para os estados, no lugar dos governadores eleitos. Em São Paulo, a nomeação de um interventor de fora, o tenente João Alberto, foi vivida como uma humilhação por um estado acostumado a mandar no país. Some-se a isso a demora em convocar uma Assembleia Constituinte, e está montado o barril de pólvora.

 **Onde o filme não entra, mas você precisa.** A obra usa 1932 como pano de fundo emocional (a guerra, o túnel, a reconciliação), não como aula de causas políticas. Cabe a você fornecer a cadeia República Velha, crise de 1929, Revolução de 1930, Governo Provisório sem Constituição, a partir do que o filme provoca. O filme dá o "como se sentia"; você dá o "por que aconteceu".

3. As causas imediatas da Revolução de 1932

Três demandas se somaram e viraram guerra:

1. **Constitucionalização.** A bandeira central, a que dá nome ao movimento (Constitucionalista), era a exigência de uma nova Constituição e do fim do governo por decreto. São Paulo queria a lei escrita de volta, e o restabelecimento das garantias e do processo eleitoral.
2. **Autonomia paulista.** A recusa aos interventores nomeados de fora e a defesa do direito de São Paulo escolher o próprio governador. Havia um forte sentimento regional ferido.
3. **A morte dos estudantes e a sigla MMDC.** Em 23 de maio de 1932, numa manifestação em São Paulo, quatro jovens foram mortos: **M**artins, **M**iragaia, **D**rausio e **C**amargo. As iniciais formaram a sigla **MMDC**, que virou o símbolo e o grito de mobilização do movimento. (Um quinto jovem, Alvarenga, morreria depois em decorrência dos ferimentos, e por isso alguns registros históricos falam em cinco vítimas; o acrônimo, porém, consagrou-se com as quatro iniciais.) A data, 23 de maio, tornou-se marco da mobilização, e **9 de julho**, dia em que São Paulo pegou em armas, é até hoje feriado estadual paulista.


O movimento contou com ampla mobilização civil: a "campanha do ouro para o bem de São Paulo" (doação de joias e alianças para financiar o esforço de guerra), a produção de armamento improvisado nas indústrias paulistas (inclusive as célebres "matracas", que simulavam metralhadoras para enganar o inimigo, um dado que rende ótima discussão sobre escassez e engenhosidade), e o alistamento de voluntários de todas as classes, incluindo estudantes.

4. O desenrolar militar: São Paulo contra o governo federal

São Paulo esperava que Minas Gerais e o Rio Grande do Sul se somassem à revolta, como haviam feito em 1930. Não aconteceu na escala prometida. Isolado, o estado enfrentou tropas federais em várias frentes: no vale do Paraíba (a caminho do Rio de Janeiro, capital federal na época), no sul de Minas, no túnel da Mantiqueira, na divisa com o Paraná e no Mato Grosso.

O governo federal tinha vantagem numérica, de material e de aviação. A superioridade aérea leal permitiu bombardeios que marcaram a memória do conflito. É este o detalhe que o filme transforma em símbolo: o velho inventor que fecha a janela para não ver sua invenção, sonhada para unir as pessoas, transformada em máquina de jogar bombas sobre a própria gente. Aqui a ficção conversa com uma dor real do período, o uso da aviação contra populações.

Após cerca de três meses de resistência, sem os reforços esperados e sob cerco, São Paulo capitulou em **2 de outubro de 1932**. Militarmente, os constitucionalistas perderam.


 **O paradoxo que a turma precisa discutir.** São Paulo perdeu a guerra, mas ganhou a causa. É a chave para não ensinar 1932 como derrota simples. Veja o próximo bloco.

5. O desfecho e o legado: a Constituição de 1934

Derrotado nos campos de batalha, o movimento constitucionalista alcançou, ainda assim, o seu objetivo político principal. Sob pressão, Vargas convocou eleições para uma Assembleia Nacional Constituinte, que resultou na **Constituição de 1934**. Ou seja: a bandeira central da revolta, uma nova Constituição, foi atendida logo depois da derrota militar. Por isso se diz que São Paulo perdeu a guerra e venceu a causa.

A Constituição de 1934 trouxe avanços importantes, que valem uma aula à parte:

- **Voto secreto** (fim do voto aberto e do "cabresto").
- **Voto feminino** garantido em âmbito nacional (as mulheres já haviam votado pela primeira vez em 1933, na eleição da Constituinte; a Constituição de 1934 consolidou o direito).
- **Justiça Eleitoral** consolidada (o Código Eleitoral de 1932 já a havia criado).
- Um capítulo inédito de **direitos sociais e trabalhistas** (jornada, salário mínimo, previdência), no espírito das Constituições sociais da época.

 **Cuidado com o "final feliz".** A Constituição de 1934 durou pouco. Em 1937, Vargas deu um golpe, fechou o Congresso, outorgou uma nova Constituição autoritária e instaurou o **Estado Novo**, uma ditadura que iria até 1945. Ensinar só "1932 levou à democracia" é meia verdade. O legado de 1932 é real, mas o país entrou numa ditadura poucos anos depois. Este é um excelente ponto para a turma perceber que a História não anda em linha reta.

O legado de longo prazo. Mais do que a Constituição de 1934, 1932 legou a São Paulo (e ao Brasil) um símbolo cívico duradouro: o 9 de Julho, o Obelisco do Ibirapuera (monumento aos mortos do movimento), a memória do MMDC e uma identidade regional forte. E legou uma pergunta que este caderno inteiro persegue: o que fazer com a memória de uma guerra entre irmãos? O filme responde com o veterano: lembrar, e contar, sem ódio.

6. O território da história: o interior paulista e o Vale do Paraíba

A obra se passa em **Cruzeiro**, cidade de montanha no **Vale do Paraíba**, no nordeste do estado de São Paulo, na divisa com Minas Gerais e perto do Rio de Janeiro. Entender esse território é entender por que a guerra passou por ali.

O Vale do Paraíba é a região atravessada pelo rio Paraíba do Sul, entre as serras da Mantiqueira e do Mar. Historicamente foi:

- **O caminho entre as três maiores cidades do país** (São Paulo, Rio de Janeiro e, pela Mantiqueira, o sul de Minas). Quem controla o Vale controla a passagem. Por isso ele foi frente estratégica em 1932: era a rota terrestre de São Paulo rumo ao Rio, então capital federal.
- **O berço do café do Segundo Reinado.** No século XIX, as fazendas de café do Vale do Paraíba fluminense e paulista foram o coração da economia imperial e uma das regiões de maior concentração de população escravizada do país. A riqueza do café e a mão de obra escravizada moldaram as cidades, a paisagem e as desigualdades da região. (Este é um vínculo importante com o ensino da escravidão e da abolição, que a Sequência 3 pode aprofundar na história local.)
- **Um eixo ferroviário.** A ferrovia que ligou São Paulo ao Rio e a Minas subiu o Vale e cruzou a Mantiqueira. Cidades como Cruzeiro nasceram e cresceram em função do trilho (ver bloco 7).

Cruzeiro, especificamente, é uma cidade entroncamento: cresceu como ponto de encontro de ferrovias, o que a tornou estratégica. Sua praça central chama-se **Nove de Julho** (o mesmo 9 de julho de 1932), detalhe que o filme registra e que não é invenção: é memória cívica cravada na toponímia da cidade. Ao lado, o **Túnel da Mantiqueira**, obra ferroviária que perfura a serra rumo a Minas, foi ponto disputado no conflito.

7. A ferrovia e o Túnel da Mantiqueira: a espinha do território

No filme, os trilhos cortam o centro de Cruzeiro, um trem de carga sobe a serra, e a personagem Maria, que cresceu ouvindo o apito todo dia, "lê" o ritmo do trem como uma régua dentro dela. O clímax se dá dentro do **Túnel da Mantiqueira**. Nada disso é gratuito: a ferrovia é a espinha dorsal da história daquela região.

Por que a ferrovia importa historicamente:

- Foi ela que integrou o interior paulista ao litoral e ao Rio, escoou o café, trouxe imigrantes e mercadorias, e fez nascer cidades ao longo do trilho.
- No Vale do Paraíba, a ferrovia foi a infraestrutura que transformou vilas em cidades. Cruzeiro é uma "cidade-ferrovia".
- Em 1932, os trilhos e o túnel foram vias e obstáculos militares. Controlar a passagem pela Mantiqueira era controlar o acesso entre São Paulo e Minas.

O Túnel da Mantiqueira. É uma passagem ferroviária que atravessa a serra da Mantiqueira. No filme, ele guarda "marcas de bala daquele julho", e o roteiro afirma isso como algo que existe "ainda hoje, de verdade". Aqui é importante o método: trate essa afirmação como **hipótese a**

investigar com a turma e com fontes locais (o Museu de Cruzeiro, moradores, registros), não como certeza cravada. O fato histórico sólido é que a região do túnel e da Mantiqueira foi teatro de combates em 1932. A presença e a extensão de marcas de bala específicas são exatamente o tipo de afirmação que a Sequência 5 ensina a checar. (Sobre a ferrovia local de passageiros em 1999, ver o bloco 9 e o selo 🇧🇷 correspondente.)

🇧🇷 **A música que aproxima e a guerra que separa.** O filme faz uma "rima" bonita: pelos mesmos trilhos do Vale por onde passou "a música que aproxima" passou, no ano seguinte, "a guerra que separa". Isso remete à tradição de que o apito e o ritmo do trem do interior inspiraram música brasileira de concerto. Trabalhe isso como **camada poética e de cultura**, verificável em parte e inspiradora, sem cravar datas ou autorias que a turma não pôde conferir. O caderno pede honestidade: é uma bela associação temática, e o próprio filme se assume como "livremente inspirado".

8. Cruzeiro, Capital Nacional da Revolução de 1932 (Lei federal nº 14.841/2024)

Este é um dado factual, recente e verificável, e um presente para o ensino de história local: **a Lei federal nº 14.841, de 2024, conferiu a Cruzeiro (SP) o título de Capital Nacional da Revolução de 1932.**

O que isso ensina à turma:

- **Que títulos "capital nacional de algo" são criados por lei.** O Congresso Nacional aprova, o presidente sanciona, e o título passa a existir juridicamente. É uma ótima porta para falar de como leis são feitas e do que é um título honorífico (simbólico, não administrativo: Cruzeiro não vira capital de nada no sentido de governo).
- **Que a memória de 1932 segue viva e disputada.** Um título assim, em 2024, quase um século depois, mostra que o passado não está "morto": comunidades reivindicam, celebram e institucionalizam sua memória. Por que Cruzeiro? Pela posição estratégica no conflito, pelos combates na região, pela ligação com o Túnel da Mantiqueira e com o Vale. A cidade transformou sua história num patrimônio reconhecido nacionalmente.
- **Que a história local pode virar orgulho e política pública.** O título dialoga diretamente com a Sequência 3 (a memória da própria cidade) e com o próprio filme, filmado onde a história aconteceu.

🇧🇷 **Verifique com a turma.** Peça que confirmem o número da lei (14.841/2024) e sua ementa em fonte oficial (o portal da legislação federal). É um exercício de checagem de baixo custo e alto valor: um dado que o professor afirma, e que a turma comprova na fonte primária. História se faz assim.


9. O Brasil de 1999: o Plano Real e a crise que abre o filme

A parte principal da obra se passa em **1999**, e a primeira imagem é uma família (os Dias) fazendo a última refeição numa casa sem móveis: "o Real desabou e levou tudo". Para a turma entender por que a família perdeu tudo, é preciso ensinar o que foi o Plano Real e o que aconteceu em 1998 e 1999.

A hiperinflação e o Plano Real (1994). Ao longo dos anos 1980 e início dos 1990, o Brasil viveu inflação altíssima, que corroía salários dia após dia. Em 1994, o **Plano Real** (com a criação de uma nova moeda, o real, e uma engenharia econômica em etapas, incluindo a URV) conseguiu, enfim, estabilizar os preços. Foi uma mudança profunda na vida cotidiana: preços que paravam de subir toda semana, poupança que voltava a fazer sentido. O Plano Real é, com razão, lembrado como um marco.

A crise de 1998 e 1999. Mas a estabilidade foi mantida, nos primeiros anos, com juros altíssimos e uma moeda "cara" (câmbio quase fixo em relação ao dólar). Isso tinha custo: dívida pública crescente, indústria pressionada, desemprego. Quando crises financeiras internacionais atingiram os países emergentes (a crise asiática de 1997 e a russa de 1998), o Brasil ficou sob forte pressão. No **início de 1999**, o governo foi obrigado a **desvalorizar o real** (deixar o câmbio flutuar). O dólar disparou, houve turbulência, medo de volta da inflação, empresas quebrando e famílias endividadadas em apuros.

É essa a atmosfera econômica que a abertura do filme captura: não a inflação dos anos 80, mas a **ressaca de 1999**, quando muita gente que parecia estável perdeu o chão. O roteiro sintetiza com precisão histórica de sentimento: "não foi azar, foi o país fazendo o que faz de tempos em tempos". Um engenheiro de quarenta e dois anos sem trabalho fixo, uma mudança forçada para o interior, é um retrato plausível daquele momento.

 **Onde ter cuidado.** (a) O filme diz que "o Real desabou". Historicamente, o correto é que **houve uma forte desvalorização e crise em 1999, não o fim do Real**: a moeda continuou existindo (existe até hoje). "Desabou" é a fala emocional de uma família arruinada, não uma descrição técnica. Ótimo ponto para a turma distinguir linguagem afetiva de linguagem econômica. (b) A data-limite do enredo é **9 de setembro de 1999** (a noite da lua no túnel). É ficção da trama, mas ancora a história num ano real e datável, o que ajuda a turma a situar tudo. (c) O filme faz um trem de carga subir a serra em 1999; trate a situação da ferrovia local de passageiros nesse período como algo a verificar com fontes locais, não como dado cravado, mais um convite ao método da Sequência 5.

A ponte entre os dois tempos. O filme costura 1932 e 1999 pela ideia de que o país "faz o que faz de tempos em tempos": em 1932, uma crise política vira guerra; em 1999, uma crise econômica vira ruína familiar. Não são o mesmo tipo de crise, e é importante não confundi-las, mas a estrutura "o Brasil em abalo, e as pessoas comuns pagando a conta" liga as duas pontas e dá à turma uma noção poderosa: a história do país entra pela porta da cozinha das famílias.

10. Memória, patrimônio e história local: o fio que costura tudo

Por baixo da aventura, a obra é, o tempo todo, sobre **memória**: um livro que guarda séculos, um avô que guarda um segredo, uma cidade que guarda uma guerra "sob a pasmaceira", um veterano que só pede que lembrem. Este é o conceito historiográfico central do caderno, e o que o liga a qualquer cidade brasileira.




Alguns conceitos-chave para a turma:

- **Fonte histórica:** tudo que o passado deixou e que nos permite conhecê-lo. Escrita (documentos, cartas, leis, jornais), oral (o depoimento do veterano, a entrevista com um avô), material (o túnel, a estação, um objeto, a praça), iconográfica (fotografias, retratos, como o de 1932 que Alice reconhece no museu).
- **Memória e história:** memória é o que os grupos lembram e transmitem (pode ser afetiva, seletiva, às vezes imprecisa); história é o conhecimento construído com método, criticando as fontes. As duas se alimentam, mas não são a mesma coisa. O veterano oferece memória; o historiador (e a turma) a transforma em história ao checá-la.
- **Patrimônio:** os bens (materiais e imateriais) que uma comunidade reconhece como herança a preservar. O túnel, a estação, o museu, a praça Nove de Julho, o título de Capital Nacional da Revolução: tudo é patrimônio de Cruzeiro. E toda cidade tem o seu.
- **Lugares de memória:** monumentos, nomes de rua, praças e datas que fixam no espaço e no calendário o que uma sociedade decide lembrar (o Obelisco do Ibirapuera, o feriado de 9 de julho, a praça Nove de Julho de Cruzeiro).

O filme dá a essa ideia uma imagem inesquecível: a cidade "sob a pasmaceira" é "um campo minado de história", e as crianças a desenterram "seguindo pistas e ouvindo os mais velhos". É a descrição perfeita da educação patrimonial, e o método exato da Sequência 3. Qualquer cidade, a da sua escola inclusive, é um campo minado de história esperando quem escave.

PARTE II: As sequências didáticas

Sequência 1: 1932, os dois lados da montanha

Componentes	História, Língua Portuguesa
Faixa	anos finais do EF (8º e 9º como núcleo) e Ensino Médio
 Duração	6 aulas
 Agrupamento	individual na escrita, coletivo na curadoria
 Produto	livro ou mural de cartas dos dois lados da montanha
Tema contemporâneo transversal	Educação em Direitos Humanos; Vida familiar e social

Pergunta geradora: Por que brasileiros pegaram em armas contra brasileiros em 1932, e como pessoas diferentes viveram esse conflito? **Perguntas de apoio:** O que leva alguém a se alistar numa guerra? Dá para entender o "outro lado"? Como São Paulo pode ter perdido a guerra e vencido a causa? O que a memória de 1932 ensina hoje?

Conexão com a obra. No museu, um padeiro virado soldado resume 1932 numa frase que as crianças nunca esquecem: não se odiavam, só estavam em lados diferentes de uma montanha. Ele não pede vingança, pede só que lembrem, e contem a alguém um dia. E no prólogo, o jovem Severino atravessa o Túnel da Mantiqueira, em 1932, com o Grande Livro no peito. A guerra que o filme trata com delicadeza é a matéria desta sequência.

Objetivos de aprendizagem.

- **Conceituais:** compreender as causas (a Era Vargas, a Revolução de 1930, o governo sem Constituição, o MMDC), o desenrolar (São Paulo contra o governo federal, o isolamento, a capitulação em 2 de outubro) e o legado (a Constituição de 1934) da Revolução Constitucionalista de 1932.
- **Procedimentais:** analisar e cruzar fontes históricas; produzir uma carta com voz, contexto e argumento histórico coerente.
- **Atitudinais:** exercer empatia histórica; valorizar a memória e a reconciliação; recusar a glorificação da guerra.

BNCC.

- Competências gerais: 1 (conhecimento), 4 (comunicação), 7 (argumentação), 9 (empatia e cooperação), 10 (responsabilidade e cidadania).
- **Área de Ciências Humanas, componente História.** Objetos de conhecimento: o Brasil Republicano; a Era Vargas; a Revolução de 1930 e a Revolução Constitucionalista de 1932; movimentos políticos e sociais; cidadania e formação do Estado; fontes históricas e construção da memória.
- **Língua Portuguesa.** Objetos de conhecimento: produção de texto; o gênero carta pessoal e a carta de época; ponto de vista, coesão e coerência; adequação de registro.

- Tema contemporâneo transversal: Educação em Direitos Humanos.
- *(Os códigos de habilidade por ano, por exemplo os de História do 9º ano sobre a Era Vargas e o período republicano, ficam na versão curricular de cada rede. Aqui a habilidade é descrita, não codificada.)*

Materiais. Fontes (fotografias de 1932; um mapa do estado de São Paulo com o Vale do Paraíba e a Mantiqueira; imagens do Túnel da Mantiqueira; um retrato de época como o que Alice reconhece no museu; se possível, uma reprodução de cartaz de mobilização do MMDC ou da "campanha do ouro"); o trecho do museu no filme; a Parte I deste caderno; papel para as cartas. Linha do tempo de apoio (📄 Ficha 1C).

Percurso

Aula 1, Sensibilização e a grande pergunta. ⌚ 50 min · 👥 turma Exiba ou leia a cena do museu (o veterano) e o prólogo (Severino no túnel). Abra a roda com a frase do veterano. 💬 "Uma guerra dentro do próprio país, brasileiro contra brasileiro. O que será que levava um jovem como o Severino a correr por aquele túnel? E o que ele deixava para trás?" 💬 "O veterano diz que eles não se odiavam, e que esse era o pior. Como assim, o pior? Não seria melhor não se odiar?" Registre no quadro as hipóteses da turma sobre por que aconteceu. Não corrija ainda: elas serão testadas. 👁️ Fique de olho em quem imagina "dois países" ou "invasão de fora": é a confusão mais comum, e a aula 2 a desfaz.

Aula 2, Investigação I (as causas). ⌚ 50 min · 👥 turma e grupos Com base na Parte I, construa com a turma a cadeia de causas, usando a 📄 Ficha 1C (linha do tempo) e o mapa: República Velha e "café com leite", crise de 1929, Revolução de 1930, Vargas e o Governo Provisório sem Constituição, os interventores, e o estopim de 23 de maio de 1932 (o MMDC). Situe no tempo e no mapa: 9 de julho de 1932, São Paulo pega em armas. 💬 "O nome do movimento é Constitucionalista. O que São Paulo estava exigindo, afinal? Uma coisa que hoje a gente acha óbvia." 💬 "MMDC são quatro iniciais de quatro jovens mortos. Por que uma sigla assim vira o símbolo de uma revolta inteira?"

Aula 3, Investigação II (os dois lados e o desfecho). ⌚ 50 min · 👥 duplas Apresente as frentes de guerra (o Vale do Paraíba rumo ao Rio, então capital; o sul de Minas; o túnel da Mantiqueira) e o isolamento de São Paulo (Minas e o Sul não vieram na escala prometida). Chegue à capitulação em 2 de outubro de 1932 e ao paradoxo: São Paulo perdeu a guerra e venceu a causa (a Constituição de 1934). 💬 "Como um lado pode perder todas as batalhas e ainda assim conseguir o que queria? O que isso ensina sobre o que é 'vencer' na história?" 🧑 "A Constituição de 1934 durou só até 1937, quando Vargas deu um golpe e fechou tudo. Então 1932 levou à democracia, ou não? A resposta é: em parte, e por pouco tempo. A história não anda em linha reta." Cada dupla conhece dois personagens fictícios em lados opostos (por exemplo, um jovem voluntário paulista e um jovem soldado das tropas federais; ou uma mãe que ficou e um ferroviário do Vale). Preenchem juntos a 📄 Ficha 1A "Quem sou eu em 1932".

Aula 4, Produção I (a carta). ⌚ 50 min · 👤 individual Cada estudante assume um lado e escreve uma carta a alguém de casa, seguindo o 📄 Roteiro 1B, com pelo menos um fato histórico correto

ancorado (a data, o motivo do alistamento, o que se via na frente, o medo do bombardeio). A carta tem voz, mas pisa em chão firme. 👁️ Fique de olho em quem transforma a Parte I em vida: uma data vira saudade, um interventor vira revolta concreta. É o objetivo.

Aula 5, Produção II (a troca e a empatia histórica). ⌚ 50 min · 👥 duplas As cartas são trocadas entre "lados". Cada estudante escreve a resposta que o destinatário do outro lado daria, percebendo a humanidade do adversário sem apagar o conflito. 💬 "Você consegue dar uma voz de verdade a alguém que está no lado contrário ao seu personagem? Sem virar mocinho nem vilão, só gente?" 👁️ Fique de olho em quem consegue dar voz genuína ao "outro lado": é o coração da empatia histórica, e o pedido do veterano virado prática.

Aula 6, Socialização (culminância). ⌚ 50 min · 👥 turma e, se possível, comunidade Curadoria coletiva: as cartas viram um livro ou um mural "Os dois lados da montanha", com uma linha do tempo ao lado para o público situar 1932. Roda de conversa final. 💬 "O que 1932 tem a dizer sobre os conflitos de hoje, dentro do país, dentro da escola, dentro de casa? O veterano pediu que a gente lembrasse e contasse. O que a nossa turma escolhe lembrar, e para quem vai contar?"

Diferenciação por ano

- **8º ano:** foco na narrativa pessoal, no sentimento e na linha do tempo dos fatos; a cadeia de causas trabalhada de forma mais guiada (a Ficha 1C preenchida em conjunto).
- **9º ano:** foco na cadeia político-institucional completa (Vargas, Constituinte, 1934, 1937) e na argumentação; comparação de pelo menos duas fontes.
- **Ensino Médio:** acrescente a discussão do paradoxo derrota militar / vitória política, a fragilidade da Constituição de 1934 diante do Estado Novo, e o debate sobre memória e regionalismo (por que São Paulo cultua tanto o 9 de Julho?).
- **Nota de sensibilidade (todos os anos):** o foco é a memória e a reconciliação, nunca a glorificação da guerra nem a torcida por um lado. Guerra civil, aqui, é tragédia a compreender, não espetáculo a celebrar.

Acessibilidade (DUA) do dia

Ofereça a cena do filme com legenda descritiva e audiodescrição; a linha do tempo em versão visual (ícones e imagens) além da textual; aceite a "carta" também em áudio gravado ou em desenho legendado, para quem se expressa melhor assim.

Fichas reprodutíveis

Ficha 1A, Quem sou eu em 1932

- Meu nome e minha idade: _____
- De que lado eu estou (São Paulo constitucionalista ou tropas do governo federal), e por quê:

- Onde eu estou (frente, cidade, o túnel, a retaguarda): _____
- O que eu faço nesta guerra: _____

- Um fato histórico verdadeiro que aparece na minha história (data, motivo, o que vejo): _____
- Quem eu amo e deixei em casa: _____
- O que eu mais temo: _____

Roteiro 1B, A minha carta de 1932

- Cabeçalho (lugar e data, por exemplo "Frente do Vale do Paraíba, agosto de 1932"): _____
- Saudação (para quem escrevo): _____
- Corpo (o que vejo, o que sinto, o que temo, o que espero, e por que estou aqui): _____
- Um fato histórico que eu ancore na carta: _____
- Despedida: _____

Ficha 1C, Linha do tempo de 1932 (para completar)

- 1889: _____ (proclamação da _____)
- 1929: quebra da Bolsa de _____, crise do _____
- 1930: Revolução de 1930, sobe ao poder _____
- 23 de maio de 1932: mortes que formam a sigla _____
- 9 de julho de 1932: _____
- 2 de outubro de 1932: _____
- 1934: _____ (a nova _____)
- 1937: _____ (o Estado _____)

Produto final

O livro ou mural de cartas dos dois lados da montanha, com linha do tempo de apoio, exposto para a escola ou a comunidade.

Rubrica de avaliação

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Compreensão histórica (causas e desfecho)	Não situa 1932 nem suas causas	Cita 1932 sem contexto	Explica causas, desenrolar e a Constituição de 1934	Relaciona derrota militar e vitória política, e conecta ao presente com senso crítico
Uso de fontes	Não usa fonte	Usa uma fonte sem analisar	Ancora a carta em pelo menos um fato de fonte	Cruza fontes e distingue fato de opinião
Empatia e perspectiva	Ignora o outro lado	Voz única, sem alteridade	Constroi um ponto de vista coerente	Faz sentir os dois lados com humanidade, sem apagar o conflito
Escrita (gênero carta)	Sem estrutura	Estrutura frágil	Carta clara, com voz e contexto	Carta expressiva, coesa e historicamente ancorada

Autoavaliação do estudante

Marque de 1 a 4: Eu entendi por que 1932 aconteceu (causas). Eu sei explicar como São Paulo perdeu a guerra e venceu a causa. Eu consegui imaginar o outro lado com respeito. Minha carta tem voz e um fato verdadeiro. Uma pergunta que ainda tenho: _____.

Com a família

Pergunte em casa se alguém guarda memória de algum conflito, de uma mudança política grande ou de um antepassado que viveu tempos difíceis no país. Nem toda guerra sai nos livros; muitas ficam na mesa da cozinha. Traga uma história (com permissão de quem contou).

Conexões

Liga direto com a Sequência 2 (o território e a ferrovia por onde a guerra passou) e com a 3 (a memória de 1932 na sua própria cidade). A distinção entre a memória do veterano e o fato checado antecipa a Sequência 5.

Sequência 2: A ferrovia que uniu e a guerra que separou

Componentes	História, Geografia
Faixa	6º ao 9º e Ensino Médio
Duração	5 aulas
Agrupamento	grupos de 3 a 4
Produto	mapa histórico comentado do Vale do Paraíba (com camadas de tempo)
Tema contemporâneo transversal	Educação Patrimonial; Ciência e Tecnologia

Pergunta geradora: Como a mesma ferrovia que ligou pessoas e cidades pôde virar caminho de guerra? **Perguntas de apoio:** Por que uma cidade nasce ao lado de um trilho? O que a geografia (a serra, o rio, a passagem) tem a ver com a história? Por que o Vale do Paraíba foi frente de batalha em 1932?


Conexão com a obra. Em *Cruzeiro*, o trilho corta o centro; um trem de carga sobe a serra; Maria "lê" o ritmo do trem porque cresceu ouvindo o apito. O clímax se dá no Túnel da Mantiqueira, a mesma passagem por onde Severino fugiu em 1932. O filme diz que pelos mesmos trilhos do Vale passou a música que aproxima e, no ano seguinte, a guerra que separa. Esta sequência transforma esse território em objeto de estudo.

Objetivos de aprendizagem.

- **Conceituais:** compreender o papel da ferrovia na ocupação e no desenvolvimento do interior paulista e do Vale do Paraíba; relacionar geografia (serra da Mantiqueira, rio Paraíba do Sul, a passagem entre SP, RJ e MG) e história (o Vale como rota estratégica em 1932).
- **Procedimentais:** ler e produzir mapas; sobrepor camadas de tempo (café, ferrovia, guerra de 1932, hoje) num mesmo território.
- **Atitudinais:** valorizar o patrimônio ferroviário e industrial; perceber o território como construção histórica.

BNCC.

- Competências gerais: 1, 2 (pensamento científico e crítico), 4, 7.
- **Área de Ciências Humanas, componentes História e Geografia.** Objetos de conhecimento: formação territorial do Brasil e do estado de São Paulo; a economia do café e o trabalho escravizado no Vale do Paraíba; ferrovias, urbanização e circulação; a Revolução de 1932 e a geografia do conflito; paisagem, lugar e transformação do espaço; patrimônio.
- Tema contemporâneo transversal: Educação Patrimonial; Ciência e Tecnologia.
- *(Códigos de habilidade por ano na versão da rede.)*


Materiais. Um mapa mudo do estado de São Paulo e do Vale do Paraíba (com a serra da Mantiqueira, a serra do Mar, o rio Paraíba do Sul, e as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e o sul de Minas); imagens de estação ferroviária, de trem e do Túnel da Mantiqueira; a Parte I (blocos 6, 7 e 8); canetas coloridas ou acetato para as camadas; a  Ficha 2A.

Percurso

Aula 1, Sensibilização (o território do filme). ⌚ 50 min · 👥 turma Mostre a cena do trem subindo a serra e a passagem pelo túnel. Localize Cruzeiro no mapa: o Vale do Paraíba, entre a Mantiqueira e o Mar, na passagem entre São Paulo, Rio e Minas. 💬 "Reparem: a cidade tem um trilho cortando o centro e uma praça chamada Nove de Julho. Por que uma cidade se organiza em torno de um trilho? E por que essa data no nome da praça?"

Aula 2, Investigação I (a ferrovia que uniu). ⌚ 50 min · 👥 grupos Com base na Parte I, construa a história da ferrovia no Vale: o café do século XIX (e o vínculo, aqui explicitado, com o trabalho escravizado, base da riqueza da região), o trilho que escoia o café e integra o interior ao litoral e ao Rio, as cidades que nascem do trilho, Cruzeiro como cidade-entroncamento. 💬 "A ferrovia aproximou o quê de quê? Quem ela beneficiou, e às custas de quem? Lembrem do café e de quem trabalhava nas fazendas."

Aula 3, Investigação II (a guerra que separou). ⌚ 50 min · 👥 grupos Sobreponha, no mesmo mapa, a camada de 1932: o Vale como rota terrestre de São Paulo rumo ao Rio (capital federal), o sul de Minas, o Túnel da Mantiqueira como ponto disputado. A mesma passagem que unia virou obstáculo e frente. 🧑 "O filme diz que há 'marcas de bala' no túnel 'ainda hoje, de verdade'. O que é fato sólido: a região do túnel e da Mantiqueira foi teatro de combates em 1932. As marcas específicas são exatamente o tipo de coisa que a gente checa com fonte (o museu de Cruzeiro, um morador, um registro). Vamos tratar como pista a investigar, não como certeza." 💬 "Como um mesmo lugar pode ser, ao mesmo tempo, símbolo de ligação e cenário de conflito?"

Aula 4, Produção (o mapa com camadas de tempo). ⌚ 50 min · 👥 grupos Cada grupo produz um mapa histórico comentado do Vale do Paraíba com pelo menos três camadas de tempo, usando cores ou acetato: (1) o café e a ferrovia (século XIX e início do XX); (2) a guerra de 1932; (3) o hoje (a cidade, o patrimônio, o filme). Legendas explicam cada camada. Preenchem a  Ficha 2A.

Aula 5, Socialização (culminância). ⌚ 50 min · 👥 turma Galeria de mapas. Cada grupo apresenta seu Vale do Paraíba em camadas e responde à pergunta geradora. 💬 "Olhando o mapa em camadas, o que a geografia (a serra, o rio, a passagem) explica da história? O território escolhe um pouco o destino de quem vive nele?"

Diferenciação por ano

- **6º e 7º:** foco na leitura do mapa físico (serra, rio, passagem) e na ideia de que cidade nasce onde há passagem; a camada de 1932 apresentada de forma simples.
- **8º e 9º:** as três camadas completas, com atenção ao café, ao trabalho escravizado e à geografia do conflito de 1932.

- **Ensino Médio:** acrescente a análise do declínio ferroviário e da desindustrialização, e o conceito de território como construção histórica em disputa.

Acessibilidade (DUA) do dia

Ofereça o mapa em relevo ou com texturas para estudantes cegos ou com baixa visão; permita a "camada de tempo" também em áudio (cada grupo narra seu mapa); use cores de alto contraste e legendas grandes.

Ficha reprodutível

Ficha 2A, O Vale em camadas de tempo

- Nosso território: o Vale do Paraíba, entre a serra da _____ e a serra do _____, cortado pelo rio _____.
- Camada 1 (café e ferrovia): o que trouxe gente e riqueza para cá, e à custa de quem: _____
- Camada 2 (1932): por que o Vale virou caminho de guerra: _____
- Camada 3 (hoje): o que restou disso na paisagem e na memória (estação, túnel, praça, museu): _____
- Uma coisa que só a geografia explica: _____

Produto final

O mapa histórico comentado do Vale do Paraíba, com camadas de tempo e legendas.

Rubrica de avaliação

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Relação geografia e história	Não relaciona	Descreve o mapa sem história	Liga a passagem e a serra a fatos históricos	Explica como a geografia condicionou a ocupação e a guerra
Camadas de tempo	Uma camada só	Duas camadas soltas	Três camadas com legendas	Camadas articuladas, com o trabalho escravizado incluído
Uso de fontes e senso crítico	Aceita tudo do filme	Repete o filme sem checar	Distingue fato sólido de pista a checar	Marca o que é fato, hipótese e ficção no próprio mapa
Comunicação (mapa e legenda)	Ilegível	Confuso	Claro e organizado	Mapa que ensina, com legenda precisa

Autoavaliação do estudante

Eu sei localizar Cruzeiro e o Vale do Paraíba no mapa. Eu entendi por que a ferrovia foi importante. Eu sei por que o Vale foi frente de guerra em 1932. Eu separei fato de pista a checar. Uma

curiosidade que me ficou: _____.

Com a família

Existe alguma estação de trem, trilho antigo, ponte ou túnel na história da sua família ou da sua cidade? Alguém já trabalhou na ferrovia? Traga uma foto ou um relato.

Conexões

Recebe o "porquê" da Sequência 1 (a guerra) e dá a ela o "onde" (o território). Entrega à Sequência 3 o inventário de patrimônio local a investigar em campo.

Sequência 3: Cruzeiro, Capital Nacional da Revolução (e a minha cidade também tem história)

Componentes	História, Língua Portuguesa, Arte
Faixa	todo o EF (adaptável) e Ensino Médio
Duração	6 aulas mais o campo
Agrupamento	grupos de pesquisa
Produto	exposição ou guia de memória da cidade (a de Cruzeiro como modelo, a da turma como produto)
Tema contemporâneo transversal	Educação Patrimonial; Vida familiar e social

Pergunta geradora: Que histórias a minha cidade esconde, quem as guarda, e como um lugar decide o que lembrar? **Perguntas de apoio:** Por que Cruzeiro virou, por lei, Capital Nacional da Revolução de 1932? O que é um patrimônio? O que é uma fonte? Como se cria uma memória oficial (um monumento, um nome de rua, um feriado)?

Conexão com a obra. As crianças descobrem que Cruzeiro, "sob a pasmaceira", é "um campo minado de história", e desenterram a memória de 1932 seguindo pistas do livro e ouvindo os mais velhos, no museu, no cartório, na porta dos antigos. O veterano pede só que lembrem, e contem a alguém um dia. Esta sequência transforma a cidade real (Cruzeiro, hoje Capital Nacional da Revolução por lei federal) em modelo, e a cidade da turma em produto.


Objetivos de aprendizagem.

- **Conceituais:** compreender os tipos de fonte histórica; distinguir memória, história e patrimônio; entender como se constrói uma memória oficial (leis, monumentos, nomes, datas), a partir do caso de Cruzeiro e da Lei federal nº 14.841/2024.
- **Procedimentais:** planejar e realizar uma entrevista; identificar e fichar fontes locais; curar uma exposição ou um guia.
- **Atitudinais:** valorizar o patrimônio; sentir pertencimento; escutar os mais velhos.

BNCC.

- Competências gerais: 1, 4, 7, 9, 10.
- **Área de Ciências Humanas, componente História** (história local; tipos de fonte; memória e patrimônio; a construção de memórias e identidades). **Geografia** (o lugar e o território). **Língua Portuguesa** (a entrevista, o relato, a legenda de exposição, a curadoria). **Arte** (expografia, ilustração, diagramação).


- Tema contemporâneo transversal: Educação Patrimonial.
- *(Códigos de habilidade por ano na versão da rede.)*


Materiais. A Parte I (blocos 8 e 10); um gravador ou celular; a  Ficha 3A (roteiro de entrevista) e a 3B (ficha de fonte); um mapa do bairro ou da cidade da turma; materiais de exposição (painéis, legendas); acesso, se possível, a fonte oficial para checar a Lei nº 14.841/2024.

Percurso

Aula 1, Sensibilização e o caso de Cruzeiro. ⌚ 50 min · 👥 turma Mostre como as crianças do filme desenterram a história de Cruzeiro. Apresente o dado real: Cruzeiro é, por lei federal (nº 14.841/2024), Capital Nacional da Revolução de 1932. 💬 "Uma cidade pequena virou, por lei, a Capital Nacional de uma revolução que aconteceu quase cem anos atrás. Por que uma comunidade faz questão de transformar a própria história em título oficial?" 🧑 "O professor afirmou o número da lei. E se estiver errado? Vamos fazer o que historiador faz: um grupo confere a lei 14.841/2024 na fonte oficial e traz a ementa. A gente nunca acredita só porque alguém disse, nem que seja o professor."

Aula 2, Investigação (fontes, memória e patrimônio). ⌚ 50 min · 👥 grupos Trabalhe os conceitos (fonte oral, escrita, material, iconográfica; memória e história; patrimônio; lugares de memória) com exemplos de Cruzeiro (o túnel, a estação, o museu, a praça Nove de Julho, o título de 2024) e depois com exemplos da cidade da turma. Os grupos listam candidatos a fonte e a patrimônio na própria cidade. 💬 "O que, na nossa cidade, é um 'lugar de memória'? Um nome de rua, uma praça, um monumento, uma data? Quem decidiu que ia se chamar assim?"

Aula 3, Preparação do campo. ⌚ 50 min · 👥 grupos Cada grupo escolhe uma pista (um lugar, uma pessoa mais velha, um objeto de família, um nome de rua) e monta o roteiro de entrevista na  Ficha 3A, com os combinados de ética (pedir permissão para gravar, explicar para quê).

Aula 4, o Campo. ⌚ tarefa ou saída · 👥 grupos Entrevistas com familiares, vizinhos ou pessoas da escola; visita a um lugar de memória; coleta de fotos e objetos. Registro nas  Fichas 3B. 👁️ Fique de olho em quem escuta de verdade, sem apressar o entrevistado: a escuta é a técnica central.

Aula 5, Produção (curadoria). ⌚ 50 min · 👥 turma Transcrever, selecionar, localizar no mapa e montar a exposição ou o guia: painéis, legendas, trechos de áudio, uma linha do tempo local. A turma decide o que entra (curadoria é escolha, e escolha é aprendizado). 💬 "A gente tem material demais e parede de menos. O que MERECE entrar na exposição, e por quê? Quem a gente corre o risco de deixar de fora da memória da cidade?"

Aula 6, Socialização (culminância). ⌚ 50 min · 👥 turma e comunidade Abertura da exposição (ou lançamento do guia) para a escola e a comunidade. Roda final. 💬 "O veterano do filme pediu só que a gente lembrasse e contasse a alguém. Nossa turma virou guardiã de que memórias? A quem a gente vai contar agora?"

Diferenciação por ano

- **Anos iniciais:** a memória da própria família e da rua; entrevista curta com um roteiro guiado e muito desenho; o conceito de "coisa antiga que conta história".
- **Anos finais:** cruzamento de fontes, análise crítica de versões, o conceito de patrimônio e a construção de memórias oficiais (o caso da lei de 2024).
- **Ensino Médio:** acrescente a discussão de "memória em disputa" (quem decide o que é patrimônio? que histórias ficam invisíveis, por exemplo a da população escravizada do Vale?) e uma reflexão sobre políticas de memória.

Acessibilidade (DUA) do dia

Entrevista aceita em Libras, em áudio ou por escrito; exposição com legendas em fonte grande, QR de áudio e, quando possível, peças táteis; roteiro de entrevista disponível em versão simplificada.

Fichas reproduzíveis

Ficha 3A, Roteiro de entrevista

- Quem vou entrevistar (nome, quem é, idade aproximada): _____
- Cinco perguntas (comece por "Como era a cidade quando o senhor ou a senhora era criança?"): _____
- Combinados de ética (pedir permissão para gravar, explicar o objetivo, oferecer o resultado): _____

Ficha 3B, Ficha de fonte

- Tipo de fonte (oral, escrita, material, iconográfica): _____
- O que ela conta: _____
- É memória (o que alguém lembra) ou documento (registro)? _____
- Onde está, de quem é: _____
- Ponto no mapa da cidade: _____
- Uma coisa que eu ainda preciso checar: _____

Produto final

A exposição ou o guia de memória da cidade da turma, com acervo de entrevistas, mapa e linha do tempo local, tendo Cruzeiro (Capital Nacional da Revolução) como modelo inspirador.

Rubrica de avaliação

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Uso e classificação de fontes	Uma fonte, sem tipo	Duas fontes sem cruzar	Classifica e cruza oral e material	Analisa, confronta versões e distingue memória de documento

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Conceitos (memória e patrimônio)	Não distingue	Distingue com ajuda	Explica patrimônio e lugar de memória	Discute memória oficial e memórias invisíveis
Entrevista e escuta	Roteiro frágil	Entrevista simples	Bem conduzida e registrada	Escuta ativa que revela histórias vivas
Curadoria e pertencimento	Confusa e distante	Parcial	Clara, organizada, com sentido de pertença	Curadoria que emociona, informa e assume a cidade como parte de si

Autoavaliação do estudante

Eu sei o que é uma fonte histórica e reconheço os tipos. Eu entendi por que Cruzeiro virou Capital Nacional da Revolução. Eu conferi um dado na fonte oficial. Eu ouvi uma história da minha cidade que não conhecia. Uma memória que eu quero guardar: _____.

Com a família

A entrevista com um mais velho da família ou do bairro é o coração deste projeto. Traga uma foto, um objeto ou uma história que conte um pedaço da nossa cidade.

Conexões

Recebe de 1 e 2 o conteúdo de 1932 e o território, e o transforma em memória viva local. A checagem da lei e das versões prepara diretamente a Sequência 5.

Sequência 4: 1999, o ano em que o filme começa

Componentes	História, Língua Portuguesa, Matemática (noções de economia do cotidiano)
Faixa	8º, 9º e Ensino Médio
Duração	5 aulas
Agrupamento	duplas e grupos de redação
Produto	um jornal (ou podcast) "Brasil de 1999" feito pela turma
Tema contemporâneo transversal	Educação Financeira; Trabalho e cidadania

Pergunta geradora: O que aconteceu no Brasil de 1999 para que uma família estável de repente perdesse tudo? **Perguntas de apoio:** O que é inflação, e por que o Plano Real foi tão importante? O que quer dizer "o país faz o que faz de tempos em tempos"? Como uma crise econômica entra pela porta da cozinha das famílias?

Conexão com a obra. O filme (na sua parte principal) abre em 1999: a família Dias faz a última refeição numa casa sem móveis, porque "o Real desabou e levou tudo". Um engenheiro de quarenta e dois anos sem emprego fixo, uma mudança forçada para o interior. A economia do país vira o motor íntimo da história.

Objetivos de aprendizagem.

- **Conceituais:** compreender, em linguagem acessível, a hiperinflação, o Plano Real (1994) e a crise de 1998 e 1999 (a desvalorização do câmbio); relacionar economia nacional e vida cotidiana das famílias.
- **Procedimentais:** ler e produzir textos jornalísticos de época; entrevistar quem viveu o período; distinguir linguagem afetiva de linguagem técnica.
- **Atitudinais:** desenvolver noções de educação financeira e empatia com quem viveu crises.

BNCC.

- Competências gerais: 1, 2, 4, 7, 10.
- **Área de Ciências Humanas, componente História** (o Brasil contemporâneo; a redemocratização e a Constituição de 1988; a estabilização monetária e o Plano Real; economia e sociedade nos anos 1990). **Língua Portuguesa** (gêneros jornalísticos: notícia, reportagem, entrevista, manchete). **Matemática** (noções de porcentagem, variação de preços e valor do dinheiro no tempo, no nível do cotidiano).
- Tema contemporâneo transversal: Educação Financeira.
- *(Códigos de habilidade por ano na versão da rede.)*

Materiais. A Parte I (bloco 9); a cena de abertura do filme; exemplos de manchetes e capas de jornal de época (ou uma descrição delas, quando não houver acesso); a Ficha 4A (linha do tempo econômica) e a 4B (roteiro de reportagem); calculadora.

Percurso

Aula 1, Sensibilização (a cozinha vazia). ⌚ 50 min · 👥 turma Exiba ou descreva a abertura: a família na casa sem móveis, "o Real desabou e levou tudo". Ancore a data: 1999. 💬 "O pai é engenheiro, formado, trabalhador. Como uma família assim vai parar sem nada, obrigada a se mudar? O que será que aconteceu com o país naquele ano?"

Aula 2, Investigação I (da inflação ao Real). ⌚ 50 min · 👥 turma Com a Parte I, explique em linguagem simples: o pesadelo da inflação alta dos anos 80 e início dos 90 (o preço que subia toda semana), e o Plano Real de 1994 que estabilizou os preços. Use um exemplo numérico simples de "o preço que dobra em pouco tempo" para dar a sensação da inflação. 💬 "Imaginem receber o salário e, uma semana depois, ele já comprar menos. Como se vive assim? Por que estabilizar o preço mudou a vida das pessoas?"

Aula 3, Investigação II (a crise de 1999). ⌚ 50 min · 👥 duplas Explique a virada: juros altos, câmbio "caro", crises internacionais (Ásia em 1997, Rússia em 1998), e a desvalorização do real no início de 1999, com dólar disparando, empresas em apuros e famílias endividadadas. Chegue ao caso dos Dias. 🧑 "O filme diz que 'o Real desabou'. Historicamente, o Real não acabou, ele foi fortemente desvalorizado, e a moeda existe até hoje. 'Desabou' é a fala emocional de uma família arruinada, não uma descrição técnica. Vamos separar a linguagem do sentimento da linguagem da economia." As duplas preenchem a Ficha 4A (linha do tempo econômica).

Aula 4, Produção (a redação do jornal). ⌚ 50 min · 👥 grupos de redação A turma vira uma redação de 1999. Cada grupo produz uma peça (uma notícia, uma reportagem sobre uma família, uma entrevista com quem viveu o período, uma coluna de economia "para leigos"), seguindo a Ficha 4B, com pelo menos um fato histórico correto e uma manchete honesta (nada de "acabou o Real"). 👁 Fique de olho em quem confunde o Plano Real (1994, a solução) com a crise de 1999 (o abalo): são coisas diferentes, e distinguir isso é o aprendizado-chave.

Aula 5, Socialização (culminância). ⌚ 50 min · 👥 turma Lançamento do jornal (ou do podcast) "Brasil de 1999". Leitura das manchetes. Roda. 💬 "1932 foi uma crise política que virou guerra; 1999 foi uma crise econômica que virou ruína familiar. São bem diferentes. Mas por que dá para dizer que, nas duas, quem pagou a conta foram as pessoas comuns?"

Diferenciação por ano

- **8º e 9º:** foco na narrativa (a família, a crise, a mudança) e na noção básica de inflação e estabilização; a linha do tempo econômica guiada.
- **Ensino Médio:** acrescente a mecânica da crise (câmbio, juros, dívida, o contágio das crises internacionais), o vínculo com a Constituição de 1988 e a redemocratização, e um debate sobre custo social da estabilização.

Acessibilidade (DUA) do dia

Ofereça os conceitos econômicos também em infográfico e em áudio; aceite a peça jornalística em formato de podcast, cartaz ou vídeo curto; use exemplos numéricos com apoio visual (barras que crescem).

Fichas reprodutíveis

Ficha 4A, Linha do tempo econômica (para completar)

- Anos 1980 e início dos 90: o problema era a _____ alta (preço subindo toda semana).
- 1994: o _____ estabiliza os preços com a nova moeda, o _____.
- 1997 e 1998: crises internacionais na _____ e na _____ pressionam o Brasil.
- Início de 1999: o governo _____ o real; o dólar _____.
- Efeito nas famílias (como o dos Dias): _____

Ficha 4B, Minha peça para o jornal de 1999

- Formato (notícia, reportagem, entrevista, coluna): _____
- Manchete honesta: _____
- Um fato histórico verdadeiro que eu uso: _____
- A voz de uma pessoa comum (o que ela sentiu): _____
- Onde eu separei o sentimento do fato: _____

Produto final

O jornal (ou podcast) "Brasil de 1999", produzido pela turma, com manchetes historicamente honestas.

Rubrica de avaliação

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Compreensão histórica e econômica	Confunde os fatos	Cita 1999 sem explicar	Explica o Plano Real e a crise de 1999	Distingue estabilização (1994) e crise (1999) e liga à vida das famílias
Senso crítico (fato x sentimento)	Repete "o Real acabou"	Copia o filme	Aponta a diferença entre "desabou" e "desvalorizou"	Corrige a fala afetiva com precisão e gentileza
Produção jornalística	Sem estrutura	Texto frágil	Peça clara com manchete e fato	Peça envolvente, precisa e com voz humana
Colaboração na redação	Isolado	Participa pouco	Contribui para a edição	Coordena e integra a redação da turma

Autoavaliação do estudante

Eu sei o que foi o Plano Real e por que ele importou. Eu entendi a crise de 1999. Eu sei a diferença entre "desabou" e "desvalorizou". Minha peça tem um fato verdadeiro e uma voz humana. Uma coisa que quero perguntar em casa: _____.

Com a família

Pergunte a alguém que era adulto em 1994 e em 1999: como era antes do Real? O que mudou quando os preços pararam de subir? A crise de 1999 afetou a família? Traga o relato para a redação.

Conexões

Fecha a ponte entre os dois tempos do filme (1932 e 1999) e dialoga com a Sequência 1 (as duas crises do país). A distinção fato x sentimento entrega o bastão para a Sequência 5.

Sequência 5: Fonte, memória e lenda: como a História se faz

Componentes	História (metodologia e historiografia)
Faixa	7º ao 9º e Ensino Médio
Duração	4 a 5 aulas
Agrupamento	duplas (bancadas de investigação)
Produto	guia da turma "Detetives do passado: como checar uma história"
Tema contemporâneo transversal	Ciência e Tecnologia; Cultura digital (checagem de informação)

Pergunta geradora: Como a gente sabe se uma história sobre o passado é verdade, é memória ou é lenda? **Perguntas de apoio:** Qual a diferença entre uma fonte e uma opinião? Por que duas pessoas contam a mesma história de jeitos diferentes? O que faz um documento ser confiável? Onde o filme inventa, e como a gente descobre?


Conexão com a obra. A obra é, o tempo todo, uma investigação: as crianças seguem as anotações do avô "como um mapa do tesouro" por uma cidade que é "um campo minado de história". E a própria obra se declara "livremente inspirada" em fatos reais. O filme é cheio de lendas dentro da trama (uma Ordem secreta de séculos, um livro que "nunca erra o guardião", uma pedra que é bateria de luz). Esta sequência usa o contraste entre o que é histórico e o que é ficção na obra para ensinar o método do historiador.

Objetivos de aprendizagem.

- **Conceituais:** distinguir fonte primária e secundária, fato, interpretação, memória e lenda; compreender a noção de crítica das fontes.
- **Procedimentais:** avaliar a confiabilidade de uma informação; checar um dado em fonte oficial; identificar, numa narrativa, o que é histórico, o que é hipótese e o que é ficção.
- **Atitudinais:** cultivar o ceticismo saudável e a honestidade intelectual; não aceitar informação só porque "alguém disse" ou "estava num filme".

BNCC.

- Competências gerais: 1, 2 (pensamento científico, crítico e criativo), 4, 5 (cultura digital), 7.
- **Área de Ciências Humanas, componente História** (a produção do conhecimento histórico; fontes e sua crítica; fato, memória e interpretação; história e ficção). Interface com **cultura digital** (checagem de informação e combate à desinformação).
- Tema contemporâneo transversal: Ciência e Tecnologia; Cultura digital.
- (Códigos de habilidade por ano na versão da rede.)


Materiais. Uma coleção de "afirmações" da obra e do próprio caderno (algumas históricas, algumas hipóteses, algumas ficção) para a turma classificar; a  Ficha 5A ("O medidor de verdade") e a 5B ("Fato, memória ou lenda?"); acesso, quando possível, a uma fonte oficial para uma checagem real (a Lei nº 14.841/2024 é o exemplo ideal).

Percurso

Aula 1, Sensibilização (o filme se declara ficção). ⌚ 50 min · 👥 turma Mostre a cartela do filme: "livremente inspirada na cidade de Cruzeiro e no Vale do Paraíba, na Revolução Constitucionalista de 1932 e na trajetória dos pioneiros da invenção brasileira". Liste no quadro coisas da obra e pergunte, para cada uma, "isso é história ou invenção?": a Revolução de 1932; o Túnel da Mantiqueira; a Ordem secreta OGLI; a família Dias; Cruzeiro como Capital Nacional da Revolução; a pedra que é bateria de luz. 💡 "Um mesmo filme mistura coisas que aconteceram de verdade com coisas totalmente inventadas. Como a gente separa uma da outra? E por que isso é o trabalho mais importante de quem estuda história?"

Aula 2, Investigação I (o que é fonte, o que é crítica de fonte). ⌚ 50 min · 👥 duplas Ensine: fonte primária (do próprio tempo estudado: uma carta de 1932, o túnel, o retrato) e secundária (feita depois, sobre o tema: um livro de história, este caderno). Fato, interpretação, memória e lenda. Por que se critica uma fonte (quem fez? quando? para quê? tem interesse?). 💡 "O veterano do museu conta a guerra que viveu. Isso é fonte poderosa. Mas ele pode esquecer, exagerar, ou lembrar do jeito dele. Como a gente usa a memória dele sem tratá-la como verdade absoluta?"

Aula 3, Investigação II (a checagem real). ⌚ 50 min · 👥 duplas Faça uma checagem de verdade, ao vivo: a turma confirma a Lei nº 14.841/2024 (Cruzeiro Capital Nacional da Revolução) na fonte oficial. Discuta o contraste com uma afirmação impossível de checar assim (a Ordem OGLI, que é ficção) e com uma que é pista a investigar com fonte local (as "marcas de bala" no túnel). 👁️ Fique de olho em quem aceita tudo sem conferir, e em quem já pede "onde está a fonte?": esse hábito é o objetivo da sequência.

Aula 4, Produção (o guia de checagem). ⌚ 50 min · 👥 turma A turma produz o guia "Detetives do passado", com passos simples: (1) isto é fato, memória, hipótese ou ficção? (2) qual é a fonte? (3) é primária ou secundária? (4) dá para conferir em outra fonte confiável? (5) quem contou tinha interesse? Cada dupla ilustra um passo com um exemplo tirado da obra (usando a  Ficha 5B).

Aula 5 (opcional), Aplicação. ⌚ 50 min · 👥 duplas Aplique o guia a uma "corrente" ou notícia atual trazida pela turma, transferindo o método da história para a vida digital. História e checagem de informação são o mesmo músculo.

Diferenciação por ano

- **7º:** foco na distinção simples fato / memória / invenção, com muitos exemplos concretos do filme.
- **8º e 9º:** acrescente fonte primária e secundária, e a crítica da fonte (autoria, intenção, contexto).
- **Ensino Médio:** acrescente a discussão de que "não existe história neutra": toda narrativa tem ponto de vista, e o rigor não é ausência de perspectiva, é honestidade com as fontes. Ligue à

desinformação contemporânea.

Acessibilidade (DUA) do dia

Ofereça as afirmações a classificar em cartões com imagem e áudio; aceite o guia em formato de vídeo, cartaz ou áudio; use um "semáforo" visual (verde: fato checado; amarelo: hipótese a checar; vermelho: ficção) para apoiar quem se orienta melhor por cor.

Fichas reprodutíveis

Ficha 5A, O medidor de verdade

- A afirmação: _____
- É: () fato histórico () memória de alguém () hipótese a checar () ficção
- Fonte: _____
- Primária ou secundária? _____
- Consegui conferir em outra fonte? () sim () não. Onde: _____
- Minha conclusão: _____

Ficha 5B, Fato, memória ou lenda? (exemplos da obra)

- A Revolução de 1932 aconteceu: _____
- Cruzeiro é Capital Nacional da Revolução por lei: _____
- A Ordem secreta OGLI existiu: _____
- A pedra alexandrita muda de cor com a luz: _____ (dica: a alexandrita real muda de cor; ser "bateria" na trama é ficção)
- As marcas de bala no túnel: _____

Produto final

O guia da turma "Detetives do passado: como checar uma história", ilustrado com exemplos da obra.

Rubrica de avaliação

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Distinção fato, memória, hipótese, ficção	Não distingue	Distingue com ajuda	Classifica corretamente a maioria	Classifica e justifica com critério de fonte
Uso de fontes	Não identifica fonte	Identifica sem avaliar	Distingue primária e secundária	Critica a fonte (autoria, intenção, contexto)
Checagem	Aceita tudo	Confere às vezes	Confere um dado em fonte oficial	Cruza fontes e identifica o que não dá para checar

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Produção do guia	Incompleto	Passos confusos	Guia claro e útil	Guia que a turma consegue aplicar a qualquer história

Autoavaliação do estudante

Eu sei a diferença entre fato, memória e invenção. Eu sei o que é fonte primária e secundária. Eu conferi um dado numa fonte oficial. Eu identifiquei onde o filme inventa. Uma regra de detetive que eu levo para a vida: _____.

Segurança e uso de ferramentas digitais (leia antes)

Se a checagem usar internet ou assistentes de IA, faça de forma supervisionada, sem dados pessoais dos estudantes, respeitando a LGPD. O objetivo é formar juízo crítico, não expor a criança. (Esta sequência dialoga diretamente com a sequência "Como conversar com uma IA" do caderno geral do universo, onde o Byte é o tutor de letramento em IA; ver a plataforma de IA do Byte.)

Conexões

É a "chave de fenda" do caderno inteiro: dá método a todas as outras sequências. Recebe as pistas de 1, 2, 3 e 4 e ensina a turma a nunca mais aceitar uma história sem perguntar "qual é a fonte?".

A trilha integradora: a linha do tempo gigante da turma

As cinco sequências podem convergir num painel único, montado ao longo do ano numa parede do corredor ou do pátio: **uma linha do tempo gigante** que costura os quatro marcos que o caderno trabalha, mais o marco local da turma.

Sugestão de marcos para o painel:

- **1889:** Proclamação da República (início da República Velha).
- **1930:** Revolução de 1930, começa a Era Vargas.
- **23 de maio de 1932:** o MMDC.
- **9 de julho a 2 de outubro de 1932:** a Revolução Constitucionalista.
- **1934:** a Constituição (a causa vencida, mesmo com a guerra perdida).
- **1937:** o Estado Novo (a democracia interrompida, o senso crítico do "final feliz").
- **1988:** a Constituição atual (a redemocratização).
- **1994:** o Plano Real.
- **1999:** a crise, o ano em que o filme começa.
- **2024:** Cruzeiro vira Capital Nacional da Revolução (a memória segue viva).
- **[Ano local]:** um marco da história da cidade da turma, descoberto na Sequência 3.

Cada sequência "pendura" seus produtos na altura do seu ano: as cartas de 1932 (Seq. 1) junto de 1932, o mapa do Vale (Seq. 2) atravessando o painel, a exposição da cidade (Seq. 3) no marco local, o jornal (Seq. 4) em 1999, e o guia de checagem (Seq. 5) na moldura de tudo, como legenda de método. É a obra inteira do filme lida numa parede: memória que vira história, história que vira cidade.

A mostra culminante: "A cidade tem História"

As cinco sequências podem convergir num evento de escola que reúne todos os produtos num só dia, aberto às famílias e à comunidade:

- **A parede da memória** exhibe as cartas de 1932 dos dois lados da montanha (Seq. 1) e a exposição da cidade (Seq. 3).
- **A sala de mapas** mostra o Vale do Paraíba em camadas de tempo (Seq. 2).
- **A banca de jornal** distribui o "Brasil de 1999" (Seq. 4).
- **O balcão dos detetives** ensina o público a checar uma história (Seq. 5).
- **A linha do tempo gigante** costura tudo, no corredor, como espinha do dia.

A mostra é a socialização final: a comunidade entra na história da própria cidade. É o pedido do veterano cumprido em escala de escola: a turma lembrou, e agora conta a alguém.

Avaliação no caderno inteiro

- **Por evidência, não por prova.** O aprendizado histórico se mostra no produto e no percurso (as fichas, a linha do tempo, a carta, a exposição, o jornal, o guia), com foco no manejo de fontes, no senso crítico e no protagonismo.
 - **Três olhares.** Cada sequência combina a rubrica do professor, a autoavaliação do estudante e a socialização (o olhar dos colegas e da comunidade).
 - **Rubrica em quatro níveis** (em início, em desenvolvimento, adequado, excelente), sempre com descritores, para tornar o critério transparente ao estudante desde o começo.
 - **O eixo transversal do caderno de História:** em toda rubrica, um critério cuida do senso crítico com as fontes (distinguir fato, memória e ficção). É a competência que atravessa 1932, 1999 e a vida digital de hoje.
-

Acessibilidade: o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)

Cada sequência oferece múltiplos caminhos, para que nenhuma criança fique de fora. Os três princípios do DUA, na prática do ensino de História:

- **Múltiplos meios de representação:** apresente sempre a fonte em mais de um formato (o texto e a imagem, o mapa e a maquete, o documento e o áudio da entrevista, o filme com audiodescrição, legenda descritiva e Libras).
 - **Múltiplos meios de ação e expressão:** aceite o produto histórico em formatos variados (a carta escrita, o áudio, o desenho legendado, o vídeo, a maquete do túnel, o mapa tátil).
 - **Múltiplos meios de engajamento:** dê escolha (o lado do conflito, a fonte a investigar, a pessoa a entrevistar, o formato do jornal), conecte ao território e à família do estudante, e trabalhe em grupos com papéis definidos.
-

Modelo de plano de aula de História (em branco, para copiar)

- Sequência e aula: _____
 - Objetivo histórico do dia: _____
 - Fonte(s) do dia: _____ (tipo: oral / escrita / material / iconográfica)
 - Pergunta mediadora de abertura: _____
 - Momentos (tempo): sensibilização ___ · investigação com fontes ___ · produção ___ · fechamento ___
 - Onde ficar de olho no senso crítico (🧐): _____
 - Agrupamento: _____
 - Materiais e ficha: _____
 - O que observar (evidências de aprendizagem): _____
 - Acessibilidade (DUA) do dia: _____
 - Tarefa ou combinado com a família: _____
-
-

PARTE III: Back matter (apoios ao professor)

Aprofundamentos rápidos (para responder às perguntas difíceis da turma)

"São Paulo lutou contra o Brasil?" Não. Lutou contra o governo federal de então (o Governo Provisório de Vargas), dentro do Brasil, exigindo uma nova Constituição. Foi uma guerra civil, brasileiro contra brasileiro, não uma guerra contra outro país.

"Quem venceu 1932?" Militarmente, o governo federal: São Paulo capitulou em 2 de outubro de 1932. Politicamente, a causa constitucionalista venceu logo depois, com a Constituição de 1934. Perdeu a guerra, venceu a causa. Mas cuidado: a democracia da Constituição de 1934 durou pouco, até o golpe do Estado Novo em 1937.

"Por que 9 de julho é feriado em São Paulo?" Porque foi o dia, em 1932, em que São Paulo pegou em armas. Virou o principal símbolo cívico do estado. A praça central de Cruzeiro no filme se chama, não por acaso, Nove de Julho.

"O MMDC é uma pessoa?" Não. São as iniciais de quatro jovens mortos na manifestação de 23 de maio de 1932 (Martins, Miragaia, Drausio e Camargo). A sigla virou o grito e o símbolo do movimento. (Há registro de uma quinta vítima, Alvarenga, falecida depois; o acrônimo consagrou-se com as quatro iniciais.)

"O Real acabou em 1999?" Não. Houve uma forte desvalorização e uma crise em 1999, mas a moeda continuou (é a mesma de hoje). No filme, "o Real desabou" é a fala emocional de uma família arruinada, não uma descrição técnica.

"As marcas de bala no túnel são reais?" A região do Túnel da Mantiqueira foi teatro de combates em 1932, isso é sólido. A presença e a extensão de marcas específicas é uma afirmação a checar com fonte local (o museu de Cruzeiro, moradores, registros). É um ótimo exercício de método, não um dado a repetir de cor.

"A Ordem OGLI e o Grande Livro existiram?" Não. São pura ficção da trama (uma irmandade secreta de inventores ao longo dos séculos). Servem à aventura, não à história. Distinguir isso é o exercício central da Sequência 5.

"A pedra que muda de cor existe?" A alexandrita é uma gema real que de fato muda de cor conforme a luz, e o Brasil (Minas Gerais) é uma grande fonte dela. Ser uma "bateria de luz" que dá vida a um robô é licença poética do filme.

Glossário de História

- **Fonte histórica:** tudo que o passado deixou e permite conhecê-lo (escrita, oral, material, iconográfica).
- **Fonte primária:** produzida no próprio tempo estudado (uma carta de 1932, o túnel, um retrato).
- **Fonte secundária:** produzida depois, sobre o tema (um livro de história, este caderno).
- **Crítica da fonte:** avaliar quem a produziu, quando, para quê e com que interesse, antes de confiar nela.
- **Fato, interpretação, memória e lenda:** fato é o que se pode sustentar em fontes; interpretação é o sentido que se dá a ele; memória é o que os grupos lembram e transmitem; lenda é a narrativa transmitida sem base documental verificável.
- **República Velha (Primeira República, 1889 a 1930):** período da "política do café com leite" e do voto aberto e restrito.
- **Era Vargas (1930 a 1945):** período iniciado com a Revolução de 1930, que inclui o Governo Provisório, o período constitucional de 1934 e o Estado Novo (1937 a 1945).
- **Governo Provisório:** o governo de Vargas de 1930 a 1934, sem Constituição, por decretos, com interventores nos estados.
- **Interventor:** administrador nomeado pelo poder central para governar um estado no lugar de um governador eleito.
- **MMDC:** sigla formada pelas iniciais de quatro jovens mortos em 23 de maio de 1932, símbolo da mobilização constitucionalista.
- **Revolução Constitucionalista de 1932:** o levante de São Paulo contra o governo federal, de 9 de julho a 2 de outubro de 1932, exigindo uma nova Constituição.
- **Constituição de 1934:** a Constituição promulgada após 1932, com voto secreto, voto feminino consolidado e direitos sociais; substituída pelo golpe do Estado Novo em 1937.
- **Estado Novo (1937 a 1945):** a ditadura de Vargas, com Constituição outorgada e Congresso fechado.
- **Plano Real (1994):** o plano de estabilização que criou o real e conteve a inflação alta.
- **Desvalorização cambial de 1999:** a mudança na política de câmbio no início de 1999, com forte alta do dólar e crise, sem fim da moeda.
- **Patrimônio:** bens (materiais e imateriais) que uma comunidade reconhece como herança a preservar.
- **Lugar de memória:** monumento, nome, praça ou data que fixa no espaço e no calendário o que uma sociedade decide lembrar.
- **Educação patrimonial:** o trabalho pedagógico de conhecer, valorizar e cuidar do patrimônio da própria comunidade.
- **Título de "Capital Nacional de algo":** distinção honorífica criada por lei federal, simbólica (não administrativa); o caso de Cruzeiro é a Lei nº 14.841/2024.

Referências e apoios (sem citação fabricada)

Este caderno se sustenta em conhecimento histórico consolidado sobre a República brasileira, a Era Vargas e a economia dos anos 1990. Para o mapeamento fino e a atualização, consulte, na sua rede e em fontes oficiais:

- **A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), do MEC**, e o **currículo da sua rede** (por exemplo, o Currículo Paulista), para o mapeamento das competências gerais e das habilidades de História por ano, e para o encaixe dos códigos de habilidade que aqui foram deliberadamente descritos e não inventados.
- **A legislação oficial**, para checar em primeira mão os dados que o caderno afirma: a **Lei federal nº 14.841/2024** (Cruzeiro, Capital Nacional da Revolução de 1932) e a **Constituição de 1934**, no portal da legislação federal. Fazer essa checagem com a turma é, ele próprio, um exercício da Sequência 5.
- **Acervos e instituições de memória de 1932**, como museus e centros de memória dedicados à Revolução Constitucionalista, e o **museu e os acervos de história de Cruzeiro e do Vale do Paraíba**, para as fontes locais das Sequências 2 e 3. A consultoria histórica do projeto do filme se apoia no Museu Major Novaes (Cruzeiro).
- **Obras de referência de história do Brasil República** de historiografia reconhecida, para o aprofundamento do professor sobre a Era Vargas, a Revolução de 1932 e a redemocratização, disponíveis em bibliotecas escolares e públicas.
- **Materiais de educação patrimonial e de história local** (por exemplo, os produzidos por institutos de patrimônio e por redes de ensino), para aprofundar as Sequências 2 e 3.
- **Materiais de educação financeira e de história econômica recente do Brasil**, para aprofundar a Sequência 4 (o Plano Real e a crise de 1999).
- **Guias de checagem de informação e de educação midiática**, para aprofundar a Sequência 5 e ligá-la à cultura digital.

(A coordenação pedagógica de cada rede complementa com os documentos curriculares locais, as datas e os acervos regionais. Nenhuma referência específica foi inventada; onde o caderno cita um número de lei, ele é verificável em fonte oficial, e a própria verificação é proposta como atividade.)

Nota final de honestidade histórica

"O Fantástico Laboratório" é uma obra de ficção, livremente inspirada na cidade de Cruzeiro e no Vale do Paraíba, na Revolução Constitucionalista de 1932 e na trajetória dos pioneiros da invenção brasileira. Este caderno usa a ficção como porta de entrada e, a cada passo, distingue o que é história do que é invenção, porque essa distinção é o próprio ofício que queremos ensinar. Onde o filme comove, ele acende a curiosidade; onde ele inventa, ele nos dá a chance de ensinar o método. As duas coisas, juntas, formam o que há de mais valioso na aula de História: pessoas capazes de olhar para o passado, e para o presente, e perguntar "como é que a gente sabe disso?".

Frente educacional do projeto: filme@ofantasticolaboratorio.com.br · +55 11 98343-3235 · ofantasticolaboratorio.com.br

O Fantástico Laboratório. Eles não se odiavam, só estavam em lados diferentes de uma montanha. Ele não pediu vingança: pediu só que a gente lembrasse, e contasse a alguém um dia. Este caderno é esse alguém.